

Pane no sistema: Um redesenhar na forma de dar aula



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-039>

Vanessa Villarinho Esteves Castro

Master's student
PUC-Rio
E-mail: profenessavilla@yahoo.com.br

Rita Maria de Souza Couto

Doctorate
PUC- Rio
E-mail: rita7couto@gmail.com

Roberta Portas Gonçalves

Doctorate
PUC-Rio
E-mail: robertaportas@puc-rio.br

RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões e dois exemplos práticos do quanto trabalhos significativos e colaborativos contribuem no processo de ensino aprendizagem. Partindo da pergunta: será que ainda podemos ter um escola colorida, reconhecendo que ao longo da trajetória escolar perdemos o encantamento pela escola porque perdemos o lúdico e a criatividade nas aulas, relatamos propostas colaborativas e criativas para trabalhos nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura que recuperam afetos e protagonismos na sala de aula.

Palavras-chave: Educação, Avaliação, Criativo, Lúdico, Abordagens pedagógicas, Trabalhos colaborativos.

1 INTRODUÇÃO

Quando é que as escolas deixam de ser coloridas, deixam de seduzir os alunos? Quando perdemos o encantamento pela escola?

Sabemos que as passagens do Ensino Infantil para o Ensino Fundamental, e deste, para o Médio são abruptas, pois trocamos os horários flexíveis entre as atividades pedagógicas e lúdicas por horários fechados e calendários opressores. Trocamos uma única professora que estava presente em todas as nossas atividades por vários professores e professoras que entram e saem da sala. Não nos sentamos mais em roda, no chão, para contarmos novidades ou levarmos objetos afetivos. Levamos celulares e fones de ouvido e nos isolamos socialmente. Tentamos até amenizar a carga pesada de provas e de vários simulados para passar no ENEM com feiras culturais ou trabalhos em grupos para justificarmos notas e médias melhores.

A escola precisa voltar a ser colorida em todos os segmentos e em vários aspectos. Redesenhar a forma de dar aula e a forma de ensinar é imperioso. Mas quando, como?

Entender que trabalhos significativos são colaborativos e que demandam tempo e quebram barreiras conteudistas já é sabido. Por que não colocarmos em prática? São trabalhos que atingem o afeto e a entrega de professores e de estudantes, ambos protagonistas da sala de aula. Não é só o estudante que deve ser o protagonista do processo de ensino aprendizagem. Esse protagonismo precisa



ser dividido, trocado e, generosamente, compartilhado. Criatividade e senso crítico quando trabalhados em sala de aula resultam nesse tipo de escola colorida.

Muitas vezes pensamos equivocadamente que uma aula lúdica fora da sala da Educação Infantil é sinônimo de um professor do Ensino Fundamental e Médio se especializando em paródias e dancinhas famosas do TikTok para obter a atenção do aluno ou ser habilidoso em frases reducionistas, mas engraçadas, para estimular a decoreba de fórmulas, de regras ou de tabelas. Contudo, o lúdico não é e não pode ser entendido dessa forma. O lúdico não é isso. O lúdico é coisa séria.

O lúdico é uma forma de aprendizagem que usa o criativo. O lúdico fornece o tempo para a construção de pensamentos e de interações e suscita ao estudante o senso crítico, possibilitando nesse processo uma maior confiança no que é aprendido e nas relações estabelecidas. Segundo MAIA e VIEIRA (2020, p. 68), “tanto a avaliação quanto o lúdico são fatores naturais no processo de socialização e aprendizagem infantil e , por este motivo, indissociável ao processo de ensino e aprendizagem em qualquer faixa etária. Se indissociáveis, por que percebemos essa dicotomia entre tempo de brincar e tempo de avaliar? Por que um acaba “engolindo” o outro?”

Promover o lúdico ou o momento de brincar a pré-adolescentes ou adolescentes, como meio do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem não é infundado ou inútil. Ao contrário, a experiência de 20 anos trabalhando com essa faixa etária comprovou que qualquer proposta lúdica e criativa no ambiente da sala de aula, em paralelo a qualquer instrumento avaliativo formal ou até mesmo como parte do instrumento avaliativo sempre foi muito bem recebido, aceito e desejado por parte dos estudantes.

Romper a monotonia das aulas tradicionais cheias de apostilas ou livros, quadros ou slides ou técnicas de decoreba com algo surpreendente, como uma frase, uma imagem, uma música ou um debate provocador, que estimulem reflexão e crítica, que ajudem a gerar emoções imprescindíveis para a aprendizagem é cada vez mais necessário. Não precisamos reforçar a educação que prioriza a forma condicionada ou a forma prática defensiva de pensar. Para Hooks (2020, p. 48), “quando enxergamos a sala de aula como um lugar onde professores e estudantes podem compartilhar sua “luz interna”, temos o caminho para vislumbrar quem somos e como podemos aprender juntos”.

O presente artigo faz parte da dissertação, em andamento, de mestrado “*Recursos didáticos sob o enfoque do Design em Parceria: uma transgressão no Ensino- Aprendizagem de Língua Portuguesa*”¹, que tem por objetivo apontar para a necessidade de pensar e de experimentar novas estratégias para desenvolver habilidades e compartilhar conhecimentos, ideias e trabalhar o pensamento crítico na sala de aula, apresentamos o relato de dois trabalhos: o primeiro, intitulado “**Som alencareano**”, que foi desenvolvido por uma das autoras no ano de 2017, com alunos de 2º ano

¹ Dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Design – PUC-Rio, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rita Maria de Souza Couto e coorientação da Prof.^a Dr.^a Roberta Portas.



do Ensino Médio de uma escola particular do Rio de Janeiro, tendo por fio condutor o estudo das obras de José de Alencar, uma vez que este autor contemplaria o conteúdo e o período literário do Romantismo trabalhados na série. O segundo trabalho, intitulado **“Playlist de “Torto Arado”**, foi realizado cinco anos depois, em 2022, para uma nova turma de 2º ano do Ensino Médio, do mesmo colégio, do Rio de Janeiro, pelas disciplinas Língua Portuguesa, Literatura e Artes. Nesta turma foi escolhido um novo livro paradigmático como leitura obrigatória, *“Torto Arado”*, escrito por Itamar Vieira Junior.

1.1 SOM ALENCAREANO

Precisava ser escolhido um livro de leitura extraclasse para dialogar com o conteúdo, exigência estipulada pela escola, um livro ao menos por trimestre. Desafiei a mim e a turma, escolhendo quatro: *“Senhora”*, *“Lucíola”* e *“O Guarani”* e *“Iracema”*, em quadrinhos, todos de autoria de José de Alencar. Um grande estranhamento para a turma 2001, porque cada um deles poderia fazer a escolha de qual livro ler, algo que não estavam acostumados a fazer. Não seria uma preocupação ou uma determinação a quantidade de estudantes para cada livro, porém foi pedido que os estudantes se organizassem de forma a ter ao menos todos os livros no trabalho.

Surgem as primeiras questões: como fazer com que estudantes do século XX entendessem a literatura dos séculos XVIII e XIX? De que forma amenizar o impacto das diferenças culturais e fazer com que as características do Romantismo fossem apreendidas? Quais meios usar para que os estudantes percebessem que ao estudar textos e contextos tão distantes poderiam entender melhor textos e contextos atuais?

É certo que ao escolher uma versão em quadrinhos, já estava sendo estipulada uma estratégia para começar a responder tais questionamentos, mas ainda não era o suficiente. Seria preciso um encantamento, uma motivação e um convite para o envolvimento de todos os participantes no processo.

O passo então foi estimular a leitura inicialmente com a apresentação de cada livro e a contextualização histórica e de vida do autor.

Tendo em mente que da relação entre todos os nossos saberes explode uma criação, inclusive os novos textos produzidos pelos estudantes através da leitura, o acordo foi que cada um escolhesse a partir de toda a apresentação, um livro para ler e trocar as histórias em uma roda de debate. Assim, seria dado a cada um a autonomia e a responsabilidade da escolha para a execução do trabalho.

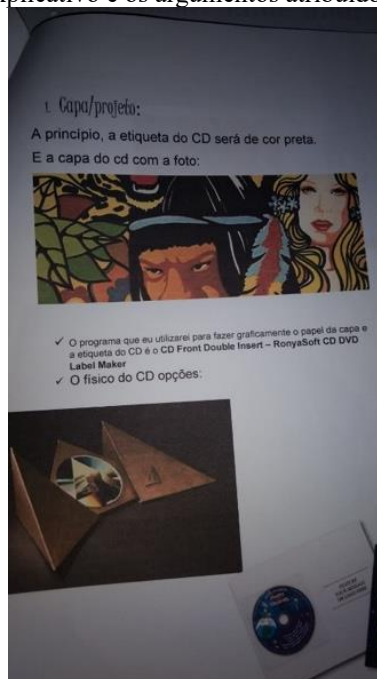
A proposta foi um pedido para que os estudantes imaginassem uma música ou uma trilha sonora que representasse uma cena ou um capítulo de cada história lida. Não foi estipulado o número de músicas selecionadas e nem as partes dos livros, pois mais uma vez caberia a cada estudante fazer suas escolhas. Eles reproduziriam em um CD essas seleções musicais, discutiriam na turma cada escolha e



fariam um relatório escrito explicando o CD, a escolha do livro e a relação entre a seleção musical e o enredo alencareano. Seria e foi uma aula de audição e de debate.

As imagens seguintes no artigo ilustram a execução de alguns dos alunos ao longo do processo até o trabalho final. As fotos revelam as defesas das ideias, alguns CDs produzidos, assim como a sala de exposição do trabalho em um dos eventos da escola.

Imagem 1 - Exemplo de um relatório, com a explicação da execução e planejamento do trabalho: material usado para a capa e caixa do CD, assim como o carte explicativo e os argumentos atribuídos para as escolhas das músicas.



Inicialmente, como todo bom estudante, surgiram reclamações sobre o quão trabalhoso a atividade seria para cada um, as dificuldades de trabalhar em grupo e o chororô de “por que temos que ler algo tão antigo”. Ao mesmo tempo, os estudantes demonstraram curiosidade sobre como realizar uma experiência diferente, saindo do lugar comum de cartazes e seminários, e até um certo orgulho em produzir sozinhos um encarte de forma livre para personalizar o trabalho.

Prazo estabelecido e, a cada aula, foram sendo esclarecidas dúvidas: um programa novo de computador, um tipo específico de papel, uma forma diferente para a caixa de entrega e até mesmo uma participante que resolveu fazer um CD/ disco para ser diferente dos demais etc. Mas aos poucos as ideias foram surgindo.

Foram muitas as aulas que se seguiram em torno do Romantismo e ao longo desse processo e não foram mais ouvidas queixas. Ao contrário, passei a ouvir coisas do tipo: “Chorei com o final de Lucíola”; “Já vi algo parecido com a história da Senhora”; “Esse livro de Iracema é a maior mentira, mas até que é maneiro”; “Lembra a Pocahontas”; “Pensei em tal música para Iracema, o que você



acha?” Havia também frases como: “Não entendo o que esse cara escreve”; “Essa leitura é lenta ou difícil”.

As minhas respostas eram sempre de estímulo, atiçando ainda mais a curiosidade, dando alguns *spoilers* ou minhas impressões pessoais sobre a leitura ou ainda ensinado que o mais importante não era se preocupar *ipsis litteris* com o significado de cada palavra lida, mas, principalmente, com o enredo lido, com o propósito do autor, com o contexto de produção e com o público leitor da época. Apelei para o caráter novelesco dos romances de folhetim e para as comparações com as atuais novelas das 18h, e, principalmente, não deixei nenhum estudante sem escuta ou sem resposta.

No dia combinado, as caixas de plástico, os envelopes coloridos de CD e, inclusive caixas de madeiras com alguns objetos dentro, como penas e dinheiro falso, entre outras referências das histórias alencareano foram surgindo em minha mesa e nas mãos de estudantes orgulhosos com seus resultados.

Imagem 2 - Exemplo de um CD, produzido por uma estudante que optou por reproduzir em formato de LP.



Imagem 3 - Exemplo de um CD para o livro “Senhora” produzido com o brinde de dinheiro falso, representando uma questão trazida pelo livro: o casamento por interesse.





Imagem 4 - Outro CDs produzido para o livro “Senhora”, com um encarte com poemas e desenhos produzidos pela aluna sobre as partes mais significativas para ela.



Imagem 5 - CD para o “Guarani”, feito com o auxílio de folhagens e entregue em uma caixa de madeira.



Imagem 6 – Encarte do CD “Lacrima on sonata- Uma releitura de Iracema”. Encarte caixa confeccionado, elaborado e colado pelo estudante.

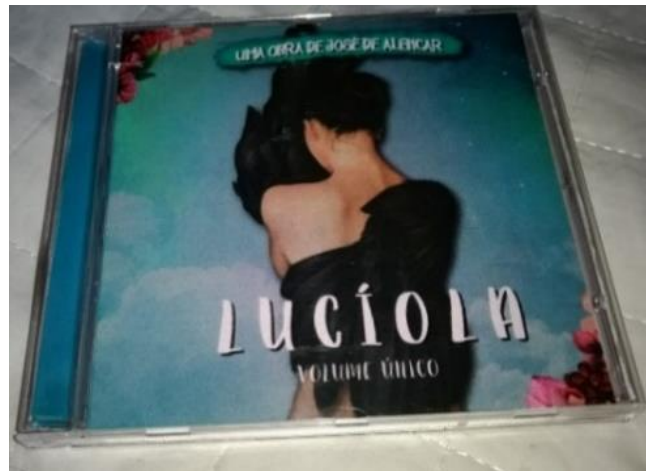




Imagem 7 - CD para o livro “Iracema”, com a riqueza dos detalhes para o encarte e o material escolhido. A estudante escolheu sambas enredos para a apresentação da história.



Imagem 8 - CD produzido para o livro Lucíola, capa desenhada e produzida pela estudante para ressaltar a sensualidade da protagonista da história.



A partir das entregas dos trabalhos, sentamo-nos em roda no chão da sala, e com o auxílio de um aparelho de som, ouvimos, ao menos, a introdução de cada música escolhida para os CDs que foram apresentados de forma aleatória pelos estudantes.

A seguir, pedi que cada estudante apresentasse a história do livro, mostrasse sua seleção musical e justificasse sua escolha, indicando os capítulos ou as partes das histórias. Nesse momento, seriam atrelados os agentes: autor, público e contexto, de Alencar aos novos agentes estabelecidos através da interpretação da história lida. Seriam perceptíveis o entendimento, o envolvimento e o estudo feito por cada um dos estudantes e o quanto eles eram capazes de fazer inferências entre o que foi lido nos livros, as intertextualidades entre o lido com as letras das músicas e o repertório. Fora a noção de organização, de compromisso e de noções básicas de tecnologia.

Para cada música internacional escolhida, algo que não foi um motivo de impedimento nem de determinação, assim como os idiomas possíveis, cabia também uma rápida tradução e justificativa.

Surpreendida com a riqueza do debate, com a beleza dos objetos e com o bom gosto e diversidade musical, lancei outro desafio para a turma: como faríamos para expor todo esse material, dando a ele o valor e destaque merecido, no evento conhecido como Semana do Espaço Aberto. Esse



é um dos eventos mais aguardados por toda a escola, pois promove a exposição para toda a comunidade escolar de trabalhos de todas as turmas, abrangendo o máximo de disciplinas possível, a semana em que a escola fica mais colorida e atraente, o momento em que estudantes e professores se tornam parceiros e trabalham de forma mais colaborativa.

Com o título “Percepções”, o espaço escolhido por mim para a exposição de todos os trabalhos propostos ao longo do ano, para os três anos do Ensino Médio, de Língua Portuguesa e Literatura foi um corredor de passagem, denominado de Portaria Branca. É um local não muito querido pelos estudantes, mas de bom grado para a professora, por ser um espaço de passagem no térreo da escola e de tamanho ideal para não deixar nenhum trabalho solto nem perdido em uma parede. Aliás, a parede é sempre o de menos, pois a *não sala* permite expor trabalhos pendurados no teto, expostos no chão, por cima de móveis, na escada de entrada da varanda ou até mesmo nas duas portas que a compõe.

Reclamações não acatadas, o local já estava estabelecido. Começou aí mais um trabalho proposto para a turma: um cartaz para anunciar os CDs, à imagem e semelhança dos que eram, quando vendidos e anunciados em uma loja física em 2017.

A turma teria que produzir um cartaz semipadronizado para apresentar o seu CD equivalente na exposição. E seria responsabilidade nossa, professora e cada estudante da turma, arrumar o espaço. A primeira ideia já estava lançada, a segunda estava por vir. Precisamos de um aparelho para deixar tocando as músicas, de forma ambiente, durante toda a exposição e precisávamos arrumar cadeiras, sofás ou poltronas para que os visitantes se sentassem e manuseassem os CDs, podendo trocá-los, apreciando cada música e se envolvendo com cada história.

Para chamar bastante atenção dos visitantes, penduramos carcaças de ventiladores, cedidas pela própria escola, no teto para que a partir delas os cartazes ficassem pendurados e não estragassem ou se amontoassem nas paredes. Usamos os sofás de uma sala de atendimento e um revestido para dispor os CDs de forma aconchegante para a apreciação.



Imagem 9 – Revisteiro com a arrumação dos CDs para a exposição na escola.

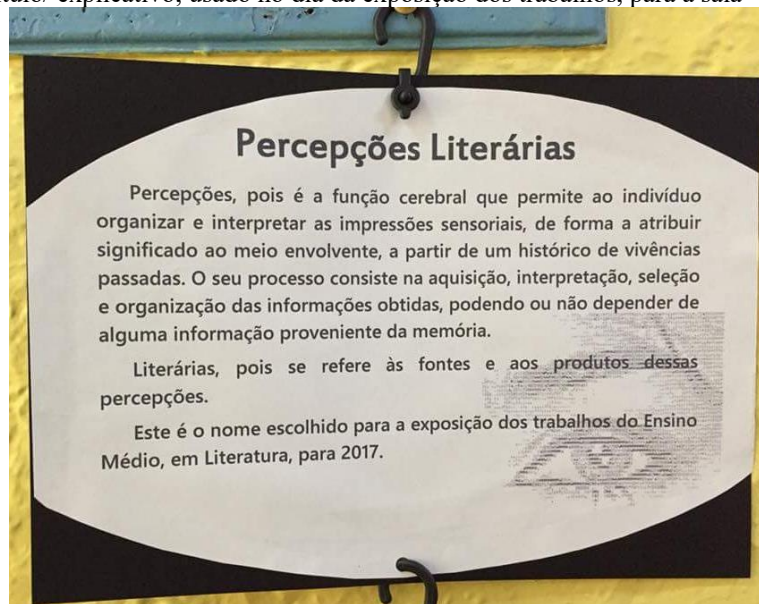


Imagem 10- Cartazes pendurados por nylon em carcaças de ventiladores velhos da escola.





Imagem 11- Cartaz título/ explicativo, usado no dia da exposição dos trabalhos, para a sala “Percepções Literárias”.



Como pode ser percebido nas fotos, a sala além de aconchegante despertou muita curiosidade. Foi uma das salas mais procuradas no evento e os alunos ali permaneciam, mesmo sem uma escala para apresentações pré-estabelecida. Todos sentiram orgulho e queriam mostrar para cada visitante da feira o trabalho exposto.

1.2 PLAYLIST DE “TORTO ARADO”

O tema da Campanha da Fraternidade era “*Fraternidade e Educação*”, inspiração para o Projeto Político Pedagógico da escola e, conseqüentemente, um bom motivo para inspirar minhas escolhas e aulas.

“*Torto Arado*”, o livro proposto para o trabalho, é uma narrativa que se passa no sertão da Bahia, trazendo em seu enredo a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia. As duas vivem em extrema pobreza ao lado de seus pais em uma região marcada pela seca e pelo trabalho braçal na lavoura.

O livro trata de temas como a cultura sertaneja, o racismo, fé, educação e relação humana com a terra. É um retrato fiel e tocante da realidade vivida por muitas pessoas no interior do Brasil, principalmente no Nordeste. Um livro contemporâneo, lançado em 2019, mas denso no enredo e no fantasioso, nada muito comum para alunos de 15 ou 16 anos. Um só livro, um desafio repaginado: como incentivar os estudantes para a leitura? De que forma propor conexões entre os conteúdos trabalhados, em sala, o projeto da escola e os repertórios de cada um? Que atividade contemplaria tal leitura e processo de aprendizagem?

Para as respostas, uma velha proposta com algumas mudanças: para um único livro: os estudantes tinham que imaginar que trilha sonora caberia para uma cena marcante ou a um capítulo da história lida. Não seria estipulado o número de músicas selecionadas e nem as partes dos livros, pois



caberia a um grupo, pois agora o trabalho seria em grupos de 4 a 5 componentes, o que propiciaria escolhas, inclusive dos companheiros de grupo.

Eles reproduziriam em um CD essas seleções musicais, discutiriam na turma cada escolha e fariam um relatório escrito explicando o CD e a relação entre a seleção musical e a obra. Outra novidade além dos grupos, é que haveria a parceria com a disciplina de Artes. Caberia a professora em questão trabalhar com os grupos o encarte dos CDs: materiais possíveis, imagens, paletas de cores e de formas.

Apresentou-se o primeiro impacto na pergunta: “Professora, o que é um CD?”. Cinco anos mais tarde, os estudantes não reclamavam da linguagem, do século, da atividade trabalhosa, entretanto, questionavam como iam fazer algo que não dominavam e não sabiam executar uma vez que não havia mais o compartimento de CD nos computadores e nem em programas disponíveis e ao alcance deles. Veio a solução: “Pode ser no *Spotify*?”. Resposta inicial, não. Resposta negociada e discutida em grupo, pode desde que tenha o objeto e a caixa para ser exibida na exposição da escola.

Foram levados para a sala de aula alguns dos CDs produzidos em 2017 para que eles conhecessem esse objeto e entendessem o que é um CD, para depois exemplificar o encarte, talvez a parte mais difícil para o entendimento da proposta em 2022.

Tal como o projeto de 2017, foi apresentada a história de maneira a incentivar a leitura, estudada a vida do autor e o contexto histórico da produção. Foi divulgado para facilitar a comunicação um Sway, um aplicativo do Microsoft Office que facilita a criação e o compartilhamento de relatórios interativos, histórias pessoais, apresentações e muito mais, produzido para a aula de Literatura, agora na então plataforma utilizada pela escola pós-pandemia. E ainda feito um cartaz para ficar no mural da sala lembrando o prazo, o compromisso e a proposta do trabalho, como ilustrado abaixo.



Imagem 12- Cartaz fixado no mural da turma para orientar e estimular a turma. Nomes dos grupos, datas, regras de excussão, proposta para a releitura da capa do livro.

Trabalho "Torto Arado"

Você já percebeu que algumas leituras e histórias podem nos sugerir cenas, personagens, figurinos ou até mesmo trilhas sonoras? Muitas vezes quando lemos uma boa história, montamos um verdadeiro filme em nossa imaginação.

Grupos de até 4 pessoas

Entrega do trabalho 15/07

A parte escrita deve conter cabeçalho completo e capa com a logo da escola.

Os critérios de correção serão: atendimento da proposta e normas estabelecidas, capricho na escolha de ideias, escolhas correlacionadas com o livro.

Qual seria a trilha sonora da história das irmãs Bibiana e Belonisia?

Pense na resposta atrelando as três principais partes da narrativa. Que letra de música, que batida, quais emoções podem ser trabalhadas para cada momento destacado por vocês?

Som e letra

Independente da entrega- física (CD) ou online (Playlist)- o trabalho deverá conter uma explicação e defesa de cada escolha. O porquê da música para cada cena do livro.
O mínimo serão 6 músicas- duas para cada parte do livro e o máximo de 12 músicas- 4 para cada parte.
Se a escolha for pelo formato físico, caberá ao grupo, de 4 alunos, fazer toda a parte estética de um CD- capa, contracapa, caixa, livro interno. Se a escolha for pelo online, o grupo, também de 4 alunos, deverá ter nomes, imagem e o código disponível para todos.

Professoras:
Gisele Calamara e Vanessa Villarinho

Tanto nas aulas de Artes como nas de Literatura, os grupos debateram a história das duas irmãs, o drama vivido por uma delas que perde a fala após um acidente e a importância da figura do pai que incentiva as meninas a estudarem e a ter uma escola na região em que eles moravam. A professora de Artes trabalhou ainda a capa do livro que tem como referência uma imagem icônica inspirada na foto do italiano Giovanni Marrozzini, incentivando uma releitura da imagem na composição dos CDs.

Imagem 13- A capa do livro e a foto original, do italiano Giovanni Marrozzini.





A cada aula, um comentário, trechos do livro e a verificação se estava tudo caminhando para a execução e entrega do trabalho. E a expectativa de mais uma resolução de como expor na velha e boa “não-sala”, Portaria Branca, a cada ano não mais recusada, devido a intimidade estabelecida entre ela e os trabalhos de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio.

No dia 15 de julho de 2022, os estudantes apresentaram os relatórios e as *playlists*, entregues de forma virtual e através de *qr code*. Desta vez, sentados em grupos em suas mesas individuais ou de pé junto ao computador perto da caixa de som.

Imagem 14- Uso do *qr code* ocupando o lugar do CDs, ao lado encarte produzido pelo grupo.



Imagem 15- Elaboração do encarte misturando as capas dos CDs usados na coleta das músicas.





Imagem 16- Capa estilizada com o livro em primeiro plano e outros elementos em preto e branco no fundo.



Imagem 17- Outra caixa de CD com o encarte baseado nas imagens originais e desenhos à mão em aquarela produzidos por uma estudante do grupo.



Imagem 18- Soluções criativas pensadas por cada grupo para resolver a falta física do CD.





Como nas vezes anteriores, os grupos de alunos tiveram que participar do processo de arrumação e de buscar soluções criativas para expor os trabalhos na Semana do Espaço Aberto. Diferentemente de 2017, a trilha musical não seria escolhida e nem trocada pelos visitantes. Por ser uma playlist, estaria sendo executada de forma ininterrupta na sala.

O espaço de cinco anos entre o primeiro trabalho realizado em 2017 e o de 2022 trouxe mudanças impactantes, o que motivou a criação de uma linha do tempo para ilustrar a evolução dos aparelhos sonoros e também da forma como as músicas passaram a ser ouvidas.

Assim como a evolução musical, a sala, a exposição, a produção e a execução do trabalho também foram repensados e contextualizados para o novo evento.

O nome da *não-sala* não poderia ser outro: “(RE) EXISTÊNCIA”- referente a nossa resistência aos piores momentos vividos por todos nós, por conta do período da COVID 19, e uma exaltação a nossa eterna resistência na Educação.

Resistência e não algo programado e não orgânico. Não precisamos reinstalar sistemas. Viva uma pane no sistema do “Não, senhor, sim senhor” da Educação.

2 CONCLUSÃO

“Sente-se, cale-se, faça, copie, escreva, leia, ouça, reproduza, não se esqueça, cai na prova, reprovado!...”, quem nunca usou dessas frases como instrumento de medição de forças, que atire a primeira pedra.

Esses enunciados imperativos são reflexo de uma visão robótica do sistema avaliativo, pois aprendemos a nos programar e a programar nossos estudantes para exames e avaliações de forma sistemática e reprodutiva, uma vez que todos nós estamos sendo avaliados.

Na maior parte das vezes não paramos para pensar o que buscamos ao avaliar um estudante ou a nós mesmos, através de um trabalho: será que levamos em conta apenas um resultado específico e desejado pela instituição? Ou buscamos identificar possíveis dificuldades na aprendizagem que fornecerão material para reformular todo o processo didático?

Normalmente, nos rendemos às imposições sociais de nossa época e ao mercado educacional que ranqueia resultados das instituições de ensino, que conduzem, as escolas públicas para a oferta de um possível 14 salário como prêmio e as escolas particulares, pela aprovação nos vestibulares.

Diferentemente desses parâmetros, não podemos deixar de considerar que precisamos ter uma visão clara sobre o que esperamos ou o que temos que observar em um processo de avaliação: qual a dosagem utilizar nas atividades avaliativas, tanto no comando das propostas quanto na quantidade de instrumentos, para não perdermos o essencial, que é a troca com os alunos e com os outros professores?

É ponto pacífico que os processos avaliativos fazem parte do cotidiano escolar. Eles se apresentam na forma de instrumentos que, na maior parte das vezes, têm foco nos conteúdos



trabalhados e devem ser veículos para atribuição de valores sobre o processo de aprendizagem. Contudo, a questão a ser discutida é se estamos valorizando os processos avaliativos centrados na seleção e no ranqueamento, sem olharmos os processos ou os caminhos percorridos pelo estudante para obter um determinado resultado.

No cotidiano escolar, parece que estamos nos perdendo na pedagogia do exame, montando calendários repletos de simulados e avaliações formais ou até mesmo utilizando apostilas que treinam o famoso cartão resposta ou, ainda, estimulando o uso de redações em formato de receitas para completarem textos semiprontos com poucas palavras autorais. Com tais práticas, por certo, estamos nos afastando de uma avaliação que considere como fio condutor o processo de aprendizagem, o tempo de assimilação e o reconhecimento do conteúdo.

Avaliar implica um posicionamento, ou seja, cabe ao professor ou à escola como um todo uma posição sobre os resultados obtidos numa realização da rota a ser seguida. Assim, as avaliações possuem um objetivo maior de troca e de reflexão para um redirecionamento das práticas do professor e da escola, visando prioritariamente auxiliar os estudantes no alcance da aprendizagem e não apenas, uma boa colocação em listas de resultados.

Assim sendo, atividades, como as presente nesse artigo, fora dos padrões formais escolares, elaboradas e repensadas através de muito diálogo entre estudantes e o professor, ou estudantes e professores, proporcionam outras formas de pensar e obter um avaliação. Formas inclusivas de talentos e habilidades muitas vezes não valorizadas ou percebidas em meio aos conteúdos pragmáticos trabalhados.

A escola que trabalha projetos ou miniprojetos colaborativos, independente dos objetivos conteudistas ou meramente marqueteiros é uma escola desejada e lembrada pelo estudantes, pois há a promoção de uma aprendizagem significativa. É uma escola colorida.



REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. O Guarani. Adaptação para HQ de Ivan Jaff e Luiz Gê. São Paulo: Ática, 2009.
- Lucíola. Rio de Janeiro: FTD, 2010.
- Senhora. Rio de Janeiro: FTD, 2010.
- MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Criar e Brincar - o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- MAIA, Maria Vitória Campos Mamede & VIEIRA, Camila Nagem Marques (organizadoras). *O brincar na prática docente- volume 1*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.
- MORA, Francisco. O cérebro precisa se emocionar para aprender. Revista Prosa Verso e Arte: São Paulo, 2018.
- GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho- ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Ed.L., 2008.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir- a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.
- HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico- sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.
- TORRE, S. de Ia. *Dialogando com a Criatividade- de identificação à criatividade paradoxal*. São Paulo: Madras, 2005.
- Criatividade Aplicada- Recursos para uma formação crítica. São Paulo: Madras, 2008.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2021.